



Caricatura de Hitler no Munchener Post, publicada em novembro de 1932, depois de o mesmo perder seu emprego para o Fokibauag. Comparando a queda de popularidade do líder nazista em 1932 com o fracasso "golpe da cervejaria", em 1923, o jornal escreve: "Adolf de quatro nozes!" O jornal também insinua o fato de Hitler, ao final do "golpe", ter se escondido no chão, com medo das polícias.

### ZH – E os jornais que apoiavam Hitler?

**Silvia** – Por causa de seu discurso radical e da agitação violenta de sua tropa de choque, a SA, Hitler só era apoiado mesmo por jornais de extrema direita e, obviamente, pelas publicações ligadas ao seu partido. A maior delas era o *Völkischer Beobachter* (*Observador Nacionalista*), o órgão oficial dos nazistas e o maior inimigo do Post na imprensa. Também o *Beobachter* chamava o Post de “cozinha venenosa” e “peste de Munique”. Mas mesmo os jornais bem conservadores da Baviera tinham dificuldade de apoiá-lo. Isso só foi acontecer depois de janeiro de 1933, quando Hitler ascendeu ao poder e as redações de todos os jornais da Alemanha foram sendo, aos poucos, tomadas pelos nazistas. Um ano depois, Hitler já dominava toda a imprensa. Os jornais que não foram definitivamente proibidos e fechados, como o Post, passaram a servir à sua propaganda e ideologia.

### ZH – O Post pode ter cometido o erro de subestimar Hitler, ao apontar quem ele era, mas ao mesmo tempo achar que ele não iria prosperar politicamente?

**Silvia** – Às vezes o Post realmente menosprezou Hitler. Entre 1924 e 1929, o país viveu uma fase um pouco mais estável economicamente, e o movimento nazista entrou em baixa. Foi quando a maioria dos jornais, inclusive o Post, “enterrou” Hitler, dizendo que, depois da tentativa de golpe de 1923, ele não se recuperaria politicamente. Mas o interessante é que, mesmo naquela época, o Post não desistia de denunciar a violência de seus discursos e de sua tropa de choque e de pedir a intervenção das autoridades. Para o jornal, Hitler sempre representava um perigo.

### ZH – A imagem de Hitler mostrada pelo Post pode ter influenciado outros leitores, e não só os simpatizantes do partido social-democrata?

**Silvia** – Por ser um jornal de esquerda e extremamente ideológico, o Post era lido, sobretudo, por simpatizantes da social-democracia. Considerando que era uma época de crise econômica e que sua tiragem foi despencando ao longo dos anos, podemos concluir que seus leitores se mudaram para outras publicações, mais baratas. O jornal era às vezes bem criativo, publicando belas caricaturas e até mesmo poemas ridi-



cularizando Hitler. Mas isto não ajudou a impedir a ascensão de Hitler.

### ZH – Há vestígios do prédio do jornal destruído em 1933?

**Silvia** – A redação foi totalmente destruída pelos nazistas – máquinas, móveis, arquivos, instalações. Além disso, o prédio foi abalado pelos bombardeios na II Guerra. Mas as reformas posteriores mantiveram a feição do prédio. Hoje é possível reconhecê-lo muito bem. Infelizmente, não há placa nenhuma lembrando a existência do *Münchener Post*. Tanto que os inquilinos atuais nunca ouviram falar dele.

### ZH – Quanto tempo durou o Post? O jornal se mantinha com as vendas?

**Silvia** – O Post foi fundado provavelmente em 1886 e destruído definitivamente em 9 de março de 1933. Nos seus primeiros anos, recebia o apoio do Partido Social-Democrata, mas, já no começo do século, passou a financiar-se pelas vendas nas bancas e assinaturas. Como era um jornal de esquerda num Estado superconservador, a Baviera, não admira o fato de contar com poucos assinantes. Por isso sempre tinha problemas financeiros.

### ZH – E o destino dos jornalistas? Por que o editor de cultura foi mandado para um campo de concentração?

**Silvia** – A maioria dos jornalistas foi obrigada a deixar Munique. Parte foi para o Exterior, parte para Baden ou Württemberg, Estados vizinhos da Baviera, onde a perseguição dos nazistas era um pouco menos violenta. O redator cultural do Post, Julius Zeffass, foi um dos que mais sofreram, pois passou vários meses no campo de concentração de Dachau. Hitler odiava Zeffass e até o processara na Justiça. Como Zeffass tinha uma deficiência na perna, entretanto, ele acabou sendo liberado



e logo fugiu para o Exterior. No livro *Dachau*, publicado em 1936 na Suíça, Zeffass conta sua experiência. É um dos primeiros relatos sobre um campo de concentração nazista. Mas o livro não surtiu muito efeito na época. Parece que os suíços não acreditaram nos horrores ali descritos.

### ZH – Qual foi a reação dos familiares, quando você os informou sobre a luta dos que mantiveram o Post?

**Silvia** – Poucos familiares sabiam em detalhes o trabalho de seus avós e bisavós quando jovens, na redação ou como advogados do jornal. Alguns deles ficaram famosos depois da II Guerra e são conhecidos por outras coisas. É o caso de Edmund Goldschagg, editor de Política do Post que ajudou a fundar, em 1945, o *Süddeutsche Zeitung*, hoje um dos maiores jornais da Alemanha. Então, os familiares ficaram muito agradecidos por alguém recuperar uma história desconhecida deles.

### ZH – De que forma a memória do nazismo ainda incomoda os alemães?

**Silvia** – Há muita gente na Alemanha que acha o nazismo coisa do passado, que diz não ter nada a ver com o que os avós fizeram. Mas basta ler diariamente qualquer jornal para perceber que este é um tema superpresente nos meios de comunicação e na política. Também as escolas fazem um trabalho maravilhoso com os jovens na hora de estudar o nazismo. Os alunos visitam campos de concentração e conversam com sobreviventes do Holocausto. É bom que seja assim, porque, apesar de serem promovidos por minorias, ataques xenófobos e antissemitas acontecem diariamente na Alemanha. O tema continua atual e não pode ser esquecido.

### ZH – Qual é o personagem que mais a emocionou?

**Silvia** – É difícil dizer, pois cada um teve um papel importante nessa história. O editor-responsável, Erhard Auer, por exemplo, era o líder da social-democracia bávara, um homem robusto, influente, sempre otimista e persistente, mesmo nas horas mais difíceis. Em 1933, foi humilhado e torturado. Morreu pobre e infeliz, pouco antes do fim da II Guerra. Você tem o Julius Zeffass, na verdade um poeta, um homem sensível, mas que agitava dentro e fora do jornal contra Hitler. Tanto que foi parar num campo de concentração. E Max Hirschberg, o advogado do Post, judeu e social-democrata. Mesmo sabendo que tinha poucas chances de ganhar uma causa política na Justiça bávara, conhecida por seu conservadorismo, ele sempre defendeu o Post com afinco. Nos processos políticos, o coitado geralmente saía derrotado dos tribunais.

### ZH – Onde você pesquisou?

**Silvia** – A pesquisa toda foi feita em Munique. Lá você encontra nos arquivos – por exemplo, no Arquivo Municipal de Munique, na Biblioteca do Estado da Baviera –, coleções quase completas do *Münchener Post*, desde os primeiros anos até 1933. Faltam os primeiríssimos exemplares, de 1889 – por isso fica difícil dizer a data certa da fundação do jornal. Também falta um exemplar ou outro, sobretudo depois de algum empastelamento do jornal. Mas o que eu não achava num arquivo, conseguia recuperar no outro. Hoje está tudo em microfilme, pois nos originais ninguém mais pode mexer. Realmente, parece milagre, mas o acervo do jornal escapou dos nazistas e das destruições causadas pela guerra. Eles devem ter poupado a biblioteca, por exemplo, um dos locais preferidos de Hitler para fazer suas leituras.

### ZH – O livro foi traduzido na Alemanha?

**Silvia** – Esperamos encontrar logo uma editora aqui que se interesse pelo livro. Vivo há mais de 20 anos na Alemanha. Então, para mim, tão importante como ter meu livro publicado no Brasil é vê-lo publicado por aqui.



### A Cozinha Venenosa, um Jornal Contra Hitler

De Silvia Bittencourt  
Editora Três Estrelas,  
392 páginas, R\$ 49,90  
(em média)

Na foto maior, a redação do *Münchener Post* empastelada pelos nazistas. No alto, Erhard Auer, o editor, e, no detalhe, Julius Zeffass, enviado a um campo de concentração. Acima, uma charge do Post em que Hitler aparece acovardado, depois do fracasso do golpe da cervejaria